

UM “TESOURO” DA EXPERIÊNCIA: UM BREVE COMENTÁRIO AO CAPÍTULO X DE *AS PALAVRAS E AS COISAS*

Joselle Maria Couto Lima¹
Luciano da Silva Façanha²
Flávio Luiz de CastroFreitas³

RESUMO: O presente artigo pretende explicitar a natureza das relações interdiscursivas que Foucault estabelece, em *As palavras e as coisas*, entre a Psicanálise, a Etnologia e as Ciências Humanas. Nossa hipótese interpretativa postula que existem três momentos no argumento de Foucault acerca dessas relações: um momento negativo, um momento positivo exclusivamente voltado para tratar da Psicanálise e um momento marcado pela articulação entre o par Psicanálise-Etnologia. Semelhante hipótese está alicerçada no argumento do “discurso do inconsciente no processo de representação”, enquanto um tesouro de experiência. Esse argumento é construído por Foucault especificamente entre as partes III e V do capítulo X de *As palavras e as coisas*. Para desenvolver essa hipótese, descreveremos o processo de constituição das Ciências Humanas no período do século XIX de acordo com Foucault. Mas antes disso será feita uma breve discussão em torno das formas de representação e das disposições epistemológicas em períodos anteriores, para assim demonstrar as discontinuidades nas formas de representação entre os períodos do renascimento, do classicismo e da modernidade.

Palavras-chave: Foucault; Discurso; Psicanálise; Ciências Humanas

Abstract: This article aims to explain the nature of the interdiscursive relations that Foucault establishes, in *The order of things*, between Psychoanalysis, Ethnology and the Human Sciences. Our interpretive hypothesis postulates that there are three moments in Foucault's argument about these relations: a negative moment, a positive moment exclusively focused on psychoanalysis and a moment marked by the articulation between the pair Psychoanalysis-Ethnology. Such a hypothesis is grounded in the argument of “discourse of the unconscious in the process of representation” as a treasure trove of experience. This argument is built by Foucault specifically between parts III and V of chapter X of *The order of things*. To develop this hypothesis, we will describe the process of constitution of the Human Sciences in the nineteenth century period according to Foucault. But before that a brief discussion will be made about the forms of representation and epistemological dispositions in earlier periods, thus demonstrating the discontinuities in forms of representation between the periods of rebirth, classicism, and modernity.

Keywords: Foucault; Speech; Psychoanalysis; Humanities

¹Graduada em Filosofia –UFMA, Especialista em Leitura e Práticas Educativas (UFMA), Mestrando no Curso de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (UFMA).

² Doutor e Pós-Doutor em Filosofia pela PUC-SP e professor Associado da UFMA – lucianosfacanha@hotmail.com

³ Doutor e Pós-Doutorando em Filosofia pela UFSCar e professor Adjunto da UFMA – f_lcf@hotmail.com

Introdução

O presente artigo pretende explicitar a natureza das relações interdiscursivas que Foucault estabelece, em *As palavras e as coisas*, entre a Psicanálise, a Etnologia e as Ciências Humanas. Nossa hipótese interpretativa postula que existem três momentos no argumento de Foucault acerca dessas relações: um momento negativo, um momento positivo exclusivamente voltado para tratar da Psicanálise e um momento marcado pela articulação entre o par Psicanálise-Etnologia. Semelhante hipótese está alicerçada no argumento do “discurso do inconsciente no processo de representação”, enquanto um tesouro de experiência. Esse argumento é construído por Foucault especificamente entre as partes III e V do capítulo X de *As palavras e as coisas*.

Para desenvolver essa hipótese, descreveremos o processo de constituição das Ciências Humanas no período do século XIX de acordo com Foucault. Mas antes disso será feita uma breve discussão em torno das formas de representação e das disposições epistemológicas em períodos anteriores, para assim demonstrar as discontinuidades nas formas de representação entre os períodos do renascimento, do classicismo e da modernidade.

AS DISPOSIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DE CADA ÉPOCA

O trabalho arqueológico que Michel Foucault realiza no livro *As palavras e as coisas* em torno das Ciências Humanas se dará por meio de uma análise historicista e das disposições epistemológicas que se positivam como processos de representação em três períodos pontuais na história do ocidente: a Renascença (século XVI), o período clássico (século XVII e XVIII) e a modernidade (século XIX em diante).

Foucault ao fazer este estudo arqueológico, volta-se para uma análise das formações discursivas destes três períodos, tentando fazer uma diferenciação nos modos de representação dados nestes três momentos históricos, em virtude das diferentes disposições epistemológicas, que por sua vez revelam a ordem dos saberes constituídos no húmus cultural e histórico de cada época.

Acerca desse aspecto de *As palavras e as coisas*, é interessante ressaltarmos a hipótese de leitura realizada por Deleuze a respeito do pensamento de Foucault. Semelhante interpretação ocorre à luz da leitura crítica construída a partir de *Arqueologia do saber* e direciona seu vetor retrospectivamente para *As palavras e as coisas*, enfatizando a importância do enunciado e de suas condições de constituição:

Certamente, coisas e palavras são termos bastante vagos para designar os dois polos do saber, e Foucault dirá que o título *As palavras e as coisas* deve ser entendido ironicamente. A tarefa da arqueologia é primeiramente descobrir uma verdadeira forma da expressão que não possa ser confundida com nenhuma das unidades linguísticas sejam quais forem, significante, palavra, frase, proposição, ato de linguagem. (DELEUZE, 2005, p. 61).

Nesse sentido, as modificações nas formações discursivas, ou seja, no *a priori* histórico de cada época, não são compreendidas por meio de um processo de sucessão linear, mas por uma “erosão que vem de fora”. São as descontinuidades epistemológicas que inauguram uma nova ordem de saber ou uma nova disposição de enunciados. Como é o caso da idade clássica, que é inaugurada como uma nova disposição epistemológica que vai romper com o modo de representação do período do Renascimento, século XVI. Assim também podemos dizer do século XIX.

O solo onde se constituiu as Ciências Humanas, a partir de novas disposições epistemológicas tendo como marco fundamental a filosofia transcendental de Kant, que colocará limites nas formas de representação do homem, deparando o mesmo diante de sua própria finitude.

Além disso, é também oportuno destacar o entendimento de Machado acerca de *As palavras e as coisas*, o qual enfatiza que a análise das Ciências Humanas não é uma descrição isolada, mas o produto da relação sistêmica entre saberes. Na verdade, a premissa de leitura de Machado destaca o “inter” que operacionaliza as relações entre distintos saberes com o fito de expor o movimento matricial que existe no pensamento de Foucault.

Assim, para analisar o aparecimento das Ciências Humanas em determinado momento foi necessário continuar a descrever outras épocas, retomando inclusive a mesma periodização estabelecida pelas pesquisas anteriores, para mostrar por que antes da época moderna não houve, nem poderia ter havido, um saber sobre o homem, o das Ciências Humanas ou qualquer outro. Mas também foi preciso descrever outros saberes da modernidade sem os quais não poderia haver Ciências Humanas e, por esse motivo, devem ser considerados seus saberes constituintes (MACHADO, 2007, p. 111)

Com base nisso, na esteira da hipótese enunciativa de Deleuze e da premissa inter-sistêmica de Machado, podemos dizer que a diferenciação nos modos de representação nos períodos do Renascimento (século XVI), do período Clássico (século XVII e XVIII) e Moderno (século XIX), será consequência das descontinuidades nas formas de pensar, estabelecidas através da relação entre o pensamento e as formações discursivas de cada época. Isso tudo sem deixar de considerar a importância da expressão dos enunciados e das condições pertinentes aos mesmos.

O século XVI, considerado por Foucault como a idade da semelhança e da similitude, incorria em buscar encontrar correspondências entre todas as coisas, estabelecendo parentescos, semelhanças e afinidades por meio de articulações que faziam aproximações entre as coisas do céu e da terra, entre as plantas e animais, o homem e as estrelas, e tantas outras coisas do mundo. Fazendo sempre uma relação de semelhança entre as coisas do microcosmo com o macrocosmo.

O poder de representação neste período faz da linguagem uma coisa em si mesma, pois adquire uma espécie de relação com as coisas do mundo, chegando a confundir-se com as próprias coisas, o signo mesmo era objeto de decifração. Por isso seu poder de representação adquiria um caráter exegético promovendo a mistura entre a magia e a erudição. Além do seu poder de revelar os sinais ocultos na natureza.

Até o século XVI, a semelhança desempenhou um papel fundamental construtor no saber da cultura ocidental. Foi ela que, em grande parte conduziu a exegese e a interpretação dos textos: foi ela que organizou o jogo dos símbolos, permitiu o conhecimento das coisas visíveis e invisíveis, guiou a arte de representá-las. (FOUCAULT, 2007, p. 23)

O século XVII com o advento do racionalismo cartesiano marca “o desaparecimento das velhas crenças supersticiosas ou mágicas e a entrada, enfim, da natureza na ordem científica.” (FOUCAULT, 2007, p. 75). O modo de representar não se dará mais por meio de um processo de analogias, mas de análise. Embora, no período clássico, a busca por novas similitudes permaneça, não será mais por meio de um hábito, mas, por uma comparação rigorosa e por uma enumeração completa, que estabelecerá relações de igualdade e diferença entre as coisas.

O que definirá a epistémê clássica não será nem o mecanicismo, nem matematização do empírico, mas a busca por uma *mathêsis universalis* que vai imprimir a ideia de uma sucessão ordenada entre as coisas mensuráveis ou não, promovendo assim uma relação entre o campo da ordem com o da medida. É daí que a epistemologia clássica tem o método da análise como um modelo universal, e que por isso a relevância maior neste método de análise não será em torno dos métodos algébricos, mas dos sistemas de signos.

É daí que se compreende o surgimento da gramática de Port Royal no período clássico. A relação que a epistémê clássica possui com a ordem justificará a importância dos signos como meio para ordenar os saberes empíricos. A necessária relação estabelecida entre a capacidade de análise e o signo, promove uma abertura no processo de construção do conhecimento no período clássico, dando ao homem um poder de infinito conhecimento.

Podemos dizer que somente no classicismo a linguagem de fato adquire um estatuto verdadeiro de representação já que o signo a partir da gramática de Port Royal deixa de ser compreendido como algo dado naturalmente, embora fosse possível reconhecer no Renascimento, alguns signos dados pelas instituições. Mas a partir do século XVII a separação entre a arbitrariedade do signo e a natureza se dará de forma mais simples, tornando o signo em sua convenção mais acessível e com uma função mais definida com o poder de representar o mundo, a partir da sua capacidade combinatória.

Na idade clássica servir-se de signos não é, como nos séculos precedentes, tentar reencontrar por sob eles o texto primitivo de um discurso afirmado, e reafirmando, para sempre; é tentar descobrir a linguagem arbitrária que autorizará o desdobramento da natureza no seu espaço, os termos últimos de sua análise e as leis de sua composição. O saber não tem mais que desencavar a velha Palavra dos lugares desconhecidos onde ela se pode esconder, cumprir-lhe fabricar uma língua e que ela seja bem-feita Isto é, que analisante e combinante, ela seja realmente a língua dos cálculos. (FOUCAULT, p 86)

O signo passará a servir de instrumento quando introduz no processo de análise das coisas a capacidade combinatória, a probabilidade, em virtude do caráter arbitrário do signo que agora passará a ser compreendido como um sistema simples e com o poder de descrever, caracterizar e classificar as coisas do mundo e seus respectivos saberes.

O surgimento da epistemologia moderna será consequência de uma nova descontinuidade que tem como marco o aparecimento do homem como objeto de conhecimento, só que não mais extraído de uma análise orientada por uma teoria geral da representação, mas a partir de sua evidência imediata, ou seja, em sua empiricidade.

O saber sobre a vida, a linguagem e o trabalho, em sua positividade empírica, até então não havia sido discutido de antemão por nenhuma filosofia, nem em nenhuma concepção política. Segundo Foucault (2007), os problemas tanto de ordem prática quanto teórica, no contexto do século XIX, de alguma forma contribuiu para que estes saberes começassem a se constituir, inicialmente partindo das ciências naturais e nos interstícios destes saberes, surgem as Ciências Humanas. Mas, a interrogação sobre o ser do homem “como fundamento de todas as positividades” (p.477) foi um acontecimento na ordem do saber, algo que está além de quaisquer condições históricas.

A partir do século XX o campo epistemológico se fragmenta, ou antes, se pulveriza em direções diferentes, passando a ser compreendido como um espaço aberto que parte de três dimensões: as ciências da matemática e da física, em outra dimensão as ciências da

linguagem, da vida e da produção e distribuição de riquezas e a terceira dimensão que seria a reflexão filosófica que se desenvolve como pensamento do mesmo.

Há de certa forma um abandono nas formas de representação do período clássico, fazendo surgir uma nova epistemologia baseada em uma racionalidade empírica, onde o conhecimento do homem passa a se determinar a partir desta nova disposição epistemológica.

Segundo Foucault, esta fragmentação no campo epistemológico a partir do século XIX, causou uma pulverização dos conhecimentos que resultou em algumas consequências, como por exemplo, a tendência às classificações no campo das ciências, sob a influência positivista de Augusto Conte. Isto demonstra uma perspectiva objetivista e matematizada no campo dos saberes, mas que revela o caráter de positividade na produção de conhecimento na modernidade. Por outro lado, não podemos esquecer que diferente do período clássico, a epistemologia moderna não se baseia em um formalismo matemático, mas tem como prioridade as positivities empíricas.

Como já foi dito anteriormente, as dimensões que abrangem as Ciências Humanas, sendo a primeira que abrange as ciências da matemática e da física, a segunda as ciências da linguagem, da vida e da produção e distribuição de riquezas e a terceira dimensão que seria a reflexão filosófica. O processo de matematização abrangeria a primeira e a segunda dimensão, onde está presente um processo de aplicação da matemática em saberes que são provenientes de positivities empíricas. Enquanto isso, esta última estaria reservada à filosofia como pensamento do mesmo. É nesta dimensão que se desenvolve as reflexões filosóficas.

As Ciências Humanas não estariam dentro de nenhuma destas três dimensões, mas dos problemas gerados nos “interstícios” destas. É daí que vem a dificuldade de situar em qual domínio exato pertencem as Ciências Humanas dentro destas três dimensões. Além disso, é desta falta de uma precisão topológica dentro destas epistemologias é que podemos identificar os riscos e os desvios que as Ciências Humanas podem cair, como por exemplo, entrar em um viés mais psicologista ou sociologista, como também cair no perigo mais recente que segundo Foucault seria em uma antropologização, quando coloca em risco o estatuto científico das Ciências Humanas, devido a sua aproximação com a filosofia.

A constituição das Ciências Humanas, por ser resultante de algum tipo de erosão provocada nos saberes anteriores, constitui seu objeto, seu método e sua forma de representação, causando uma ruptura com o que definia os padrões de cientificidade do classicismo. Portanto, as Ciências Humanas têm como objeto não o homem como ser

biológico, mas como sujeito de representação de si mesmo, como aquele que é capaz de representar a si e a própria linguagem, considerando aquilo que o faz deparar-se com sua própria finitude.

Assim, podemos identificar a serventia de alguns saberes para as Ciências Humanas, já que estas possuíam como modelo transportar conceitos de outros campos de saberes para assim dar conta de uma nova forma de compreender o homem. A partir destas contribuições vai adquirir novas perspectivas acerca do homem quando começa a contar com novas dimensões no processo de representação.

O novo processo de representação da modernidade, por exemplo, vai dissociar a relação entre representação e consciência, trazendo às Ciências Humanas a contribuição da Psicanálise ao considerar a dimensão inconsciente, o que vai ocasionar um processo de erosão na forma como o homem era compreendido no classicismo.

O LUGAR PRIVILEGIADO DA PSICANÁLISE E DA ETNOLOGIA

Dessa maneira, para abordarmos a situação da Psicanálise em *As palavras e as coisas*, é necessário lembrarmos a cautelosa e elegante hipótese elaborada por Ernani Chaves em *Foucault e a Psicanálise*. Nessa hipótese, Chaves delimita com bastante precisão o foco de sua análise, ou seja, *História da Loucura* e *A Vontade de Saber*. Essa escolha é devidamente justificada pelo autor em função de três razões.

Três motivos importantes nos levaram a esta opção: primeiro, porque estes escritos tematizam problemáticas, para as quais o pensamento freudiano representa uma referencial fundamental; segundo, porque são exemplares para a compreensão da significativa mudança que a questão do poder introduz no pensamento foucaultiano, mudança que se refletirá sobremaneira no lugar que a Psicanálise ocupa na abordagem fará das “ciências do homem”; terceiro, porque embora distantes na “ordem cronológica”, são muito próximos na “ordem lógica”, “na ordem das razões”, pois são histórias construídas a partir do pressuposto de que a produção do conhecimento encontra suas condições de existência nas práticas sociais (CHAVES, 1988, p. 04).

O interessante é que Chaves exclui o texto de *As palavras e as coisas* de sua investigação. Para tanto, seu argumento consiste em postular que essa exclusão não decorre do caráter elogioso que há em *As palavras e as coisas* acerca da Psicanálise. Todavia, semelhante exclusão é fruto da análise intradiscursiva realizada por Foucault.

Isso significa que nosso estudo acerca das relações entre Psicanálise, Etnologia e Ciências Humanas não desconsidera esse imprescindível aspecto intradiscursivo presente na

análise de Foucault: “A exclusão do elogio feito em *As palavras e as coisas*, não se deve, portanto, ao fato de ser um elogio, e sim porque este escrito privilegia a análise intradiscursiva (CHAVES, 1988, p. 04)”. Nosso interesse, no presente artigo, recaí sobre a maneira como essas relações são construídas.

Ademais, também não desconsideramos a retomada e a atualização que Giaccoia Jr. faz em relação à importante hipótese de leitura de Chaves. Giaccoia Jr. relembra que Foucault, ao longo de sua obra, jamais realizou uma aceitação tácita ou elogio ingênuo em relação ao saber psicanalítico, pelo contrário, sua postura sempre foi agônica:

Ora, sabemos que a posição de Foucault sobre a Psicanálise não é apenas uma, mas varia ao longo de sua obra. Todas elas são tensas e complexas, e Ernani Chaves tem toda razão quando chama a atenção para o fato de que a relação entre Foucault e a Psicanálise é sempre agônica, comportando sempre pelo menos duas faces, não tendo sido jamais uma “[...] aceitação tácita ou elogio ditirâmico sem fundamento”. (GIACCOIA JR. 2017, p. 136).

Nesse sentido, levando em consideração o caráter agônico de Foucault em relação à Psicanálise, reiteramos que o elogio que há em *As palavras e as coisas* necessita ser interpretado como um aspecto de interlocução na estratégia arqueológica construída para anunciar a tese da “morte do homem”. Portanto, nesse elogio há também o esboço de uma pretensão de problematização de resíduos das Filosofias do Sujeito na composição das Ciências Humanas e da própria Psicanálise, como devidamente adverte Joel Birman:

No que concerne às Ciências Humanas, no entanto, a arqueologia construída em “*As palavras e as coisas*” ocupou uma posição estratégica nesse diálogo, pois foi nessa obra que a tese da morte do homem foi enunciada de maneira eloquente. Tal diálogo, porém, não se restringiu a essa obra, encontrando-se também presente em outras, mas de diferentes maneiras. (BIRMAN, 2000, p. 15).

Assim, ao focarmos nossa delimitação específica nas relações que Foucault estabelece com a Psicanálise em *As palavras e as coisas*, o “elogio” ou o lugar privilegiado que esse saber vai ocupar no campo dos demais saberes não está relacionado ao fato de ter qualquer pretensão de cientificidade, mas por ser um “tesouro inesgotável de experiências e conceitos, mas sobretudo um princípio de inquietude, de questionamento, de crítica e de contestação daquilo que por outro lado pôde parecer adquirido” (FOUCAULT, 2007, p. 517).

Para desenvolver essa ideia é possível identificar três momentos no argumento de Foucault: um momento negativo, um momento positivo exclusivamente voltado para tratar da Psicanálise e um momento marcado pela articulação entre o par Psicanálise-Etnologia. Em

relação ao momento negativo, ele pode ser localizado ao final da parte III do capítulo X de *As palavras e as coisas*.

Nesse ponto, Foucault retoma a importância de Freud para destacar que ele foi o primeiro a anunciar uma transformação nos termos de análise que compõe as Ciências Humanas, isto é, a tríade de investigação e pensamento deixa de fazer uso da combinação entre funções, conflitos e significações para a combinação entre norma, regra e sistema.

Isso significa que, embora ainda não seja a principal contribuição da Psicanálise em relação às Ciências Humanas para Foucault, esse aspecto negativo do argumento enfatiza a importânciado papel da representação, ou seja, mesmo com todos os esforços da teoria freudiana, e a eventual transformação de uma tríade conceitual operativa em outra, ocorre toda uma aproximação explícita entre as Ciências Humanas e o inconsciente, sem propriamente comprometer o advento da representação. Contudo, tamanha ênfase da representação através da aproximação com o inconsciente, culmina na elaboração de um outro problema.

Esse problema diz respeito propriamente à natureza das relações entre as Ciências Humanase a representação. Na verdade, o corolário do aspecto negativo do argumento de Foucault em relação à Psicanálise, apresenta a representação como o próprio campo das Ciências Humanas, o que corresponde a ser o suporte das Ciências Humanas.

Não se deve, pois, esquecer que a importância cada vez mais acentuada do inconsciente em nada compromete o primado da representação. Essa primazia, no entanto, levanta um importante problema. Agora que os saberes empíricos como os da vida, do trabalho e da linguagem escapam à sua lei, agora que se tenta definir fora de seu campo o modo de ser do homem, o que é a representação, senão um fenômeno de ordem empírica que se produz no homem e que se poderia analisar como tal? E se a representação se produz no homem, que diferença há entre ela e a consciência? Mas a representação não é simplesmente um objeto para as Ciências Humanas; ela é, como se acaba de ver, o próprio campo das Ciências Humanas, e em toda a sua extensão; é o suporte geral dessa forma de saber, aquilo a partir do qual ele é possível. (FOUCAULT, 2007, p. 502)

Segundo Foucault, semelhante postulação implica em duas consequências. A primeira é de ordem histórica, uma vez que as Ciências Humanas não puderam contornar o primado da representação e só puderam nascer devido ao “homem” surgir como ser que até então não existia no campo da epistémê.

A segunda consequência é de ordem transcendental, visto que à medida em que as Ciências Humanas tratam da representação, ainda que seja inconsciente, estão tratando de sua própria condição de possibilidade, vindo a exercer para consigo mesmas uma retomada

constantemente crítica, percorrendo um itinerário que vai daquilo que é dado à representação até àquilo que é condição da representação.

Ainda em relação a esse aspecto Foucault elucida que no horizonte de todas as Ciências Humanas existe o projeto de conduzir a consciência do homem às suas condições reais mediante o procedimento do desvelamento. Por isso, Foucault insiste que o problema do inconsciente não é interior às Ciências Humanas, porém co-extensivo à existência das mesmas.

Com isso, ao avançarmos para o momento positivo exclusivamente voltado para tratar da Psicanálise no argumento de Foucault, é possível identificar que o pensador francês propõe que o objeto da Psicanálise a faz ocupar uma posição especial no quadro geral da epistémê moderna. Isso ocorre devido a função crítica que vai exercer sobre às Ciências Humanas, quando passa a dar voz ao discurso inconsciente no processo de representação da epistemologia moderna, sobretudo quando coloca o homem diante de sua própria finitude.

Segundo Foucault, a Psicanálise enfrenta o inconsciente de frente, tem o empenho de valorizar o inacessível, e o que se furta no processo de representação, o que está implícito, e como ele próprio diz o “*que existe com a solidez muda de uma coisa, de um texto fechado sobre si mesmo*” (FOUCAULT, 2007, p. 518).

As possibilidades de um saber sobre o homem dado pela Psicanálise, jamais seria possível no interior do saber das Ciências Humanas. A forma como é tratada a dimensão da morte (como pulsão de repetição) do desejo (como o impensado), e a lei-linguagem (como fala e sistema de fala), são possibilidades levantadas pela Psicanálise sobre um homem não mais alicerçado em uma consciência.

Admitir uma superfície que está além da consciência e que se impõe a representar através de seus lapsos, chistes, atos falhos, e em que o desejo revela sua versão mais impensada, e a pulsão de morte se impõe como uma repetição como “*norma única e devastadora*” (FOUCAULT, 2007, p. 520), faz o homem reconhecer sua proximidade com a loucura. Algo que até certo tempo lhe parecia ser distante, ser “o vestígio de um outro mundo”, mas que agora se apresenta como uma face íntima da existência humana, deparando-o diante de sua própria finitude.

A Psicanálise possui com a loucura uma relação íntima. A fala do delírio psicótico revela em sua dimensão extrema a linguagem que se impõe a interpretar em uma experiência analítica, onde um sujeito evanescente se situa numa cadeia significativa como efeito de sentido. É na escuta deste sujeito que o processo de análise opera e faz este discurso emergir.

Segundo Foucault o saber da Psicanálise, longe de ser resultado de uma ciência empírica, só é possível em uma “situação analítica”, ou seja, em uma prática clínica, onde há uma relação necessária entre um analista e um paciente, um jogo que envolve uma estratégia, onde se instala uma transferência amorosa e uma tática como manejo para a escuta do sujeito de significação e de gozo, que é o sujeito do inconsciente.

Esta nova dimensão, tão valorizada pela Psicanálise, vai trazer inquietações às Ciências Humanas, quando buscar extravasar o processo de representação, e quando busca uma significação que além dela mesma, com a admissão do inconsciente. Isto vai contrariar todo conhecimento teórico sobre o homem até então, tornando possível um processo de criticidade muito valioso a estas ciências, mas sem nunca deixar de se submeter à problematização transcendental inerente ao procedimento de desvelamento típico das Ciências Humanas, o qual pode ser caracterizado como uma busca filosófica pelo fundamento e pressupostos das mesmas, ainda que seja à luz do diálogo com a Psicanálise, uma vez que o princípio agônico, acima mencionado, não pode deixar ser identificado e vivenciado. Portanto, Foucault não realiza uma apologia à Psicanálise, todavia se situa numa seara ambígua em relação à mesma, sobretudo em relação ao tema dos vínculos entre as Ciências Humanas e o primado da representação.

Em se tratando do momento marcado pela articulação entre o par Psicanálise-Etnologia no argumento de Foucault, a Etnologia também não será compreendida como um conhecimento científico vai inserir uma perspectiva sincrônica para compreender os processos culturais. É daí que vem surgir a categoria da estrutura como um conceito fundamental tanto para a Psicanálise quanto para a Etnologia.

A Etnologia ao invés de fazer um estudo diacrônico das culturas, o que necessitaria levar em consideração a história, investe em um processo de investigação a partir de um estudo sincrônico, ou seja, não leva em consideração a sucessão dos acontecimentos, mas aquilo que se apresenta como invariante em uma cultura.

Por esta razão, é que podemos dizer que a Etnologia se apropria da noção de estrutura, assim como também a Psicanálise. Segundo Foucault (2007, p.522) a Etnologia “*Suspende o longo discurso “cronológico” pelo qual tentamos refletir nossa própria cultura no interior dela mesma, para fazer surgir correlações sincrônicas com outras formas culturais*”.

A Etnologia também vai considerar os processos inconscientes que caracterizam o sistema cultural, que é aquilo que se apresenta como estruturas formais e invariantes que determinam o sistema simbólico de uma dada cultura. Isto vai gerar mais algumas

inquietações nas Ciências Humanas, já que estas se serviram da biologia, da economia e da filologia, que eram formas de saber que ignoravam completamente estas novas perspectivas trazidas pela Psicanálise e pela Etnologia.

Assim, a Etnologia produzirá um crescimento nos estudos sobre a relação entre a natureza e cultura, quando vai colocar abaixo o determinismo biológico e o determinismo da natureza para justificar características culturais, tornando possível uma perspectiva relativa entre as mesmas, quando enfatiza as formas singulares de cada cultura.

Tanto a Psicanálise quanto a Etnologia são consideradas por Foucault como contraciências, incluindo também neste grupo a linguística. Esta afirmação de modo algum é para desvalorizar estes campos de saber, mas está relacionado ao fato de que nenhuma delas tem como propósito dar conta de um estudo sobre o homem, ao invés disso cada vez mais desfazem esse homem construído e reconstruído pelas Ciências Humanas.

O que há de precioso entre estas duas ciências é valorizar o que tem de impensado no homem e na cultura, valorizar o irrefletido. A Psicanálise, por exemplo, vai além das possibilidades imediatas da representação, transpõe o processo de representação para a ordem do inconsciente, extrapolando-a. Fazendo um desvelamento da consciência, abrindo novas considerações acerca da “ex-istência” humana, enfatizando aquilo que implica as condições de sua finitude.

Segundo Foucault, a relação existente entre a Psicanálise e a Etnologia não se trata de uma aplicação da Psicanálise à cultura muito menos a utilização da Etnologia para uma explicação sociológica do indivíduo, mas de um cruzamento entre elas, pois segundo ele “a cadeia significativa pela qual se constitui a experiência única do indivíduo é perpendicular ao sistema formal a partir do qual se constituem as significações de uma cultura” (p. 527).

Isso significa dizer que as condições de experiência individual irão depender do sistema simbólico da cultura e por outro lado as estruturas sociais são consequência das escolhas individuais. O sistema simbólico de uma cultura será aquilo que o indivíduo vai se valer para realizar suas experiências, ao passo que estas escolhas determinam a estrutura social.

Como se vê, o processo de significação que abrange tanto o sistema social quanto o indivíduo será o ponto de cruzamento entre a Psicanálise e a Etnologia, por esta razão é possível perceber a importância de uma outra disciplina, a linguística, que aparecerá com uma grande contribuição para estes campos de saber. Tanto a Psicanálise quanto a Etnologia passam fundamentalmente pelo campo da linguagem, tornando a linguística uma grande

auxiliar que daria conta dentro do campo da discursividade de questões que abrangem estes dois saberes, a Psicanálise e a Etnologia.

A valorização do campo da linguagem, propiciada pela linguística, e com o auxílio destas outras, provoca de forma mais intensa uma inquietação nas Ciências Humanas quando evidencia os seus limites, ao trazer uma nova compreensão sobre conhecimentos já realizados dentro das Ciências Humanas, que por sua vez eram extraídos de conceitos da biologia ou da economia. A linguística começa então a explicar alguns fenômenos a partir de um sistema de significantes, não mais a partir de positivities empíricas.

Pode-se dizer que a única positividade empírica que estava em jogo para a linguística é a própria linguagem. O que vai interessar de agora em diante não será mais o homem das Ciências Humanas, mas “o ser da linguagem”, algo que irá suscitar uma série de questões que uma vez foram esquecidas, como por exemplo, questões ligadas ao pensamento e ao conhecimento.

A consequência inevitável e profunda com o ressurgimento da questão da linguagem, que uma vez já foi levantada pelo próprio Nietzsche, será a experiência da finitude do homem e do seu fim. A literatura moderna é uma demonstração clara de como se configura a experiência do homem no campo da linguagem. É aí que vamos de fato experienciar esse ser de linguagem que de forma visceral vai evidenciar suas formas de finitude, como um espaço aberto para a loucura, onde a experiência da morte, do pensamento impensável, e do desejo incontrolável, são evidenciados através da literatura de Kafka, Bataille e Blanchot, por exemplo.

Segundo Foucault, o fato de estarmos em um momento em que há a retomada da discursividade e do ser da linguagem, significa que estamos diante da morte do homem. É na experiência da sua finitude, propiciada pelo campo da linguagem, revelando algo que transpõe a sua consciência que podemos dizer que o homem que foi uma invenção recente que já está prestes a morrer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É oportuno retomarmos nosso objetivo geral: explicitar a natureza das relações interdiscursivas que Foucault estabelece, em *As palavras e as coisas*, entre a Psicanálise, a Etnologia e as Ciências Humanas. Nossa hipótese interpretativa postula que existem três momentos no argumento de Foucault acerca dessas relações: um momento negativo, um momento positivo exclusivamente voltado para tratar da Psicanálise e um momento marcado

pela articulação entre o par Psicanálise-Etnologia. Semelhante hipótese está alicerçada no argumento do “discurso do inconsciente no processo de representação”, enquanto um tesouro de experiência. Esse argumento é construído por Foucault especificamente entre as partes III e V do capítulo X de *As palavras e as coisas*.

Nesse sentido Foucault demonstra em *As palavras e as Coisas* que o desvelamento que alguns saberes que se constituem no período da modernidade sobre a epistemologia clássica começam a ruir quando o homem começa a ser pensado na dimensão de sua finitude. A filosofia Kantiana inegavelmente foi o pontapé inicial a epistemologia da modernidade, quando se propõe a fazer uma analítica da finitude, quando explica sobre os limites no processo de representação do homem, pondo em jogo neste processo a sua própria finitude. O fato de o homem radicar em si a própria finitude, faz dele um ser que possui suas barreiras, sobretudo quando se depara com o jogo da morte e do desejo impensado.

A modernidade se propõe a pensar o homem dentro desta própria finitude, e é daí que vemos as contribuições que outros campos de saber, que não fazem parte das Ciências Humanas, mas que são verdadeiros tesouros devido ao desvelamento que provocam em torno de uma compreensão acerca dos limites do homem e de sua consciência, causando inquietações que tornam possível cada vez mais abrir um novo caminho para se pensar sobre o homem, agora na trilha da linguagem.

A Psicanálise, a Etnologia e a linguística são responsáveis por estas inquietações devido à riqueza de compreensões que trazem quando valorizam a dimensão do inconsciente e da linguagem, apoiando-se no conceito de estrutura. Ao aprofundarem a dimensão do inconsciente no processo de representação, colocam em xeque os conhecimentos teóricos já realizados acerca do homem, por isso começam a ruir as respostas já dadas pelas Ciências Humanas.

A valorização do campo da linguagem abre caminho para uma nova forma de compreender o homem, agora na experiência de sua finitude, através do espaço que a linguagem permite. O fim do homem é anunciado por Foucault, e paralelo a isto um novo caminho se abre que é aquele propiciado pela via da discursividade, como uma possibilidade nova de experiências e como um novo solo de possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, Joel. *Entre o Cuidado e Saber de Si*. Rio de Janeiro: Dumará, 2000.

CHAVES, Ernani. *Foucault e a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução: Claudia Sant'Anna Martins. Revisão da tradução: Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas*; tradução Salma Tannus Muchail.-9ª .ed—São Paulo: Martins Fontes,2007.

GIACCOIA JR. Oswaldo. Para visitar o tema: Foucault e a Psicanálise, in: **Revista Dois Pontos**. Curitiba/São Carlos, volume 14, número 1, p. 135-143, abril de 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/56544/34026>. Acesso em: maio de 2017.

MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.